

# **PRÁTICAS DISCURSIVAS MIDIÁTICAS: A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DO HOMEM NEGRO NA REVISTA RAÇA BRASIL**

Francisco Fred Lucas Linhares<sup>1</sup>

Departamento de Letras - UFRN

Manuelle de Oliveira Inácio<sup>2</sup>

Departamento de Letras - UFRN

Orientadora: Marluce Pereira da Silva\*

Hoje, estamos presenciando um grande crescimento na participação de negros em vários espaços sociais, sendo a mídia um dos principais. Negros e negras vêm ganhando cada vez mais destaque na mídia impressa e televisiva. Constitui-se como nosso principal objetivo de investigação o modo como a linguagem está sendo utilizada para construir discursos e identidades sexuais de negros na Revista Raça Brasil. Para tanto, utilizaremos teorizações da Análise do Discurso de linha francesa (PÊCHEUX 1979), dos Estudos Culturais (HALL, 2003, 2002). E ainda investigações de estudiosos como (MOUTINHO, 2004; PINHO, 2004).

Palavras-chave: Identidade, Mídia, Raça e Erotismo.

## **INTRODUZINDO A DISCUSSÃO**

As representações dos negros no Brasil advêm do período da escravidão. Isso poderia explicar o fato de a negritude ser encarada com certa “intolerância”. Essa herança histórica se presentifica em um paradoxo que, segundo Pinho (2004):

Se o legado da escravidão no Brasil se faz presente numa rica cultura negra, pode ser percebido, por outro lado, através da existência de extremas desigualdades sócio-raciais e na perpetuação de formas nefastas de racismo (p.110).

A partir dos primeiros contatos dos europeus com os povos africanos, se instituíram práticas discursivas cujos sentidos alimentaram um imaginário povoado de discursos de verdade em relação aos afro-descendentes. Acreditava-se que os habitantes do continente africano eram dotados de características nebulosas, mágicas e fetichistas

---

<sup>1</sup> Aluno de Iniciação Científica (PIBIC-CNPQ-UFRN).

<sup>2</sup> Aluna de Iniciação Científica (PIBIC-UFRN).

\* Professora do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da UFRN.

(PINHO, 2004). Contudo, temos assistido a uma resignificação das africanidades. O que antes era encarado como traços de selvageria e grosseria, atualmente é visto como afirmação de uma identidade marcada pela auto-aceitação do ser negro.

Além disso, os escravos negros sempre foram submetidos a tarefas que exigiam um esforço físico brutal. Essa vitalidade, exibida no árduo trabalho, acabou alimentando a formação de mais um mito sobre o homem negro: sua potência sexual inesgotável. Hoje, atribuem-se aos negros características as mais diversas. E, rapidamente, como é o fluxo de informações na modernidade tardia (HALL, 2002), esses discursos foram incorporados pela mídia.

Dessa forma, constitui-se como nosso principal objetivo de investigação o modo como a linguagem, enquanto prática social, está sendo utilizada para construir discursos e identidades sexuais de negros na seção “Negro Gato” da revista Raça Brasil, periódico mensal destinado especialmente para o público afro-descendente.

### **IDENTIDADES EM CONSTRUÇÃO: uma breve discussão**

As teorias sobre identidades na pós-modernidade têm concebido o sujeito como sendo descentrado, fragmentado e construído historicamente, em contraposição ao sujeito uno e essencial - que para Hall (2002) não passa de uma ilusão -, da Modernidade. Para este mesmo autor, “as sociedades da modernidade tardia (...) são caracterizadas pela diferença”. E, portanto, “atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes posições de sujeito – isto é, identidades – para os indivíduos” (Idem, p. 17).

A construção de identidades discursivas na contemporaneidade está cada vez mais sendo veiculada pela mídia, cujas imagens e discursos contribuem para produzir identidades instáveis, fluidas no cenário contemporâneo.

Em se tratando da identidade de pertencimento étnico-racial, compreendemos que estão em disputa, pelo menos, duas visões diferentes sobre sua constituição. Na verdade, essas duas ópticas estão sempre em jogo quando se faz referência às teorizações sobre identidade. A primeira delas é a visão essencialista “na qual o fenótipo, principalmente a cor da pele e a textura dos cabelos, exerce um papel identificador fundamental” (PINHO, 2004, p. 79) e a na qual paira idéia de que “todos os negros do mundo estariam unidos através de uma essência da África e transportada em seus corpos e almas” (Idem, p. 79). Enquanto que, sob um outro prisma repousa a concepção do pluralismo identitário, “admitindo que há distinções baseadas em classe, gênero, idade, sexo, e que estas fragmentam a subjetividade negra” (Idem, p. 79).

Por isso que não compartilhamos de alguns discursos que estereotipam, pelo simples fato de que “a estereotipação reduz, essencializa e fixa a diferença.” (HALL, 2003).

### **OS DISCURSOS MUDIÁTICOS: a invenção do estereótipo**

A linguagem em toda a sua complexidade torna-se capital não somente para a produção de significados e identidades sociais, mas também como uma condição constitutiva para a ação humana. Entendemos ainda a relevância da análise realizada por se centrar na linguagem enquanto prática social que reflete e constrói a realidade,

favorecendo que a discussão em torno das diferenças, contribua para a elaboração de um discurso de empoderamento, à medida que se instauram situações de pensar e agir criticamente (GIROUX, 1996).

Sabemos que a mídia, com seu papel disseminador de discursos de verdade, acaba estereotipando (estigmatizando) os diferentes objetos presentes na nossa sociedade. Assim, as nefastas dicotomias surgem e excluem determinadas camadas sociais (HALL, 2003). Outros problemas têm afetado muitos negros, como parece ser a questão da auto-estima. Corroborando com este autor, Pinho (2004) enfatiza o seguinte:

O predomínio de padrões eurocêntricos de beleza e noções nefastas que sempre execraram o corpo negro no senso comum têm contribuído para a formação de estigmas e baixa auto-estima, principalmente entre jovens negros (p.110).

Assim, a mídia, via de regra, impõe seus valores que acabam manipulando as massas, posicionando nesse caso, os afro-descendentes que não representam o padrão de beleza ideal, passando o negro a ser invisibilizado.

O que tem acontecido, de fato, é uma inversão das camadas hierárquicas da sociedade. Na esfera erótica, a valorização passa a ser adotada para as/os afro-descendentes, onde a cor da pele é um fator crucial para a exaltação do corpo negro (antes tratado como inferior aos padrões de beleza vigentes). Sobre isso, Pinho adverte:

Ao contrário do que acontecia anteriormente, em que se buscava embranquecer como meio de reagir ao racismo, hoje a estratégia é enegrecer o corpo para conferir auto-estima (Idem, p.128).

A mídia cria modelos e institui sua normas para o que pode e deve por ela ser exibido, principalmente em relação a alguns grupos que não constituem alvo de seu controle, aqui nos referimos em especial aos negros que já algum tempo vivencia a síndrome do vampiro<sup>1</sup>.

## **NEGRO E HERANÇAS COLONIAIS: de escravo a objeto do desejo**

O homem negro, apesar de ser estigmatizado como inferior nos arranjos familiares afetivos inter-raciais, aparece como superior ao branco no tocante a sua valorização no mercado erótico (MOUTINHO, 2004).

Historicamente, a posição ocupada pelos negros, no Brasil, nunca foi de destaque. Foram trezentos anos de escravidão. Tempo suficiente para que entre quatro e seis milhões de africanos fossem comercializados como se fossem frutas apanhadas no pomar (PINHO, 2004). Durante todo esse tempo, famílias foram destruídas; sonhos, estilhaçados; culturas, modificadas.

A sociedade brasileira formou-se em bases onde prevaleciam às vontades do senhor em detrimento a dos escravos. As mulheres africanas foram, ao longo do tempo,

<sup>1</sup> Muniz Sodré fala da invisibilidade do negro na mídia como o vampiro que não vê a si mesmo no espelho.

sendo buscadas para o sexo, para a satisfação dos desejos dos senhores e seus filhos, para serem amas de leite dos filhos das senhoras brancas (MOUTINHO, 2004). Isso quando não eram destinadas às infatigáveis horas de trabalho nas lavouras. Trabalho esse, conhecido de perto pela grande maioria dos escravos do sexo masculino.

Não pretendemos traçar a história do negro no Brasil, seria por demais pretensioso e até mesmo redundante. Mas é que esses fatos históricos nos servem para explicar porque que algumas noções atravessaram séculos e se encontram tão fortemente presentes em nossa sociedade.

Idéias absurdas como as de que os negros são incapacitados para trabalhos intelectuais, de que os negros tem mau-cheiro, de que eles são feios e de feições grosseiras persistem no imaginário popular. Quanto a isso, Pinho (2004) ressalta:

A idéia de que o ‘negro é feio’ se desenvolveu na maioria das colônias para as quais os africanos foram levados na condição de escravos. A cor escura da pele, em contraste com a alvura da pele branca, tem sido, desde então, associada a sujeira e a sub-humanidade, como se a escuridão da epiderme fosse capaz de revelar as trevas da alma (p.111).

Continuando a abordagem sobre o homem negro e o seu pesado trabalho, podemos perceber, que certas idéias sobre as aptidões físicas desse homem foram transportadas para o domínio do sexo, da eroticidade. De acordo com a pesquisa feita por Laura Moutinho<sup>1</sup>, não são poucos os casos em que ouvimos a mulheres opinando sobre suas preferências em relação ao homem em questão. Nas palavras da referida autora,

As mulheres ‘brancas’ [...] são representadas como ansiando por uma satisfação que o homem ‘branco’ não pode fornecer, dado que esta ‘raça’ (mais racional e civilizada) não encena performances sensuais (características da ‘raça negra’, mas primitiva) os ‘maridos brancos’, por sua vez, não aparecem em posição de disputa, mas de adversário que reconhece [...] a superioridade do ‘macho negro’ e ‘viril’. (MOUTINHO, 2004, p.356).

## **A SEÇÃO “NEGRO GATO”: discursos da sexualidade do homem negro**

No Brasil, poucas são as alternativas para quem busca publicações voltadas à cultura afro-descendente. Contudo, a partir da década de 1990, começaram a ser produzidas algumas revistas com esse fim. Dentre essas, destaca-se a Raça Brasil, que circula nas bancas brasileiras desde 1996, e contém subdivisões que celebram além de temáticas relativas à moda e estética até discussões acerca da condição social do negro. A Raça Brasil é o produto de uma mudança em que:

---

<sup>1</sup> Doutora em Antropologia e Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ. A pesquisa realizada por ela foi essencial para a construção de nossas análises.

A cor da pele, a textura dos cabelos e os traços faciais dos negros, antes considerados como feio ou motivos de vergonha, tornaram-se símbolos de beleza e motivos de orgulho (PINHO, 2004, p. 139).

Pretendemos apresentar aqui uma análise, ainda de forma introdutória, de uma seção da revista *Raça Brasil* intitulada “Negro Gato”. Para tanto, utilizaremos algumas concepções da Análise de Discurso francesa, tais como discurso como efeitos de sentidos entre interlocutores e a noção de interdiscurso e de memória discursiva também oriunda da AD, bem como a noção de identidade advinda dos Estudos culturais, conforme expusemos sumariamente acima.

As imagens da seção, associadas aos efeitos de sentido sugeridos pela seqüência discursiva, “É de tirar o fôlego!” para se referir ao “negro gato”, sugere deslizamentos de sentido que apontam esse homem como detentor de características violentas (no que se refere à prática sexual) cujo vocábulo “fôlego” faria menção a algo que sufoca e dá prazer. Apoiando essa idéia, Moutinho (2004) diz:

(...) o elemento ‘negro’ [...] aparece como superior ao ‘branco’, articulando de forma singular alguns dos elementos definidores da masculinidade, com ênfase no erotismo – *quentura, força, altura, violência, tamanho* [...] (p.329).

Podemos perceber, ainda com base nessa mesma opinião de Moutinho, que os homens brancos se sentem inferiorizados e/ou até mesmo ameaçados pela extrema valorização do desempenho sexual do homem negro. Ratifica a antropóloga Laura Moutinho:

O homem ‘branco’ aparece como inferior ao ‘negro’ no eixo erótico, cujas qualidades ‘excepcionais’ são tratadas como tão ameaçadoras que o exclui do ‘supermundo’ da televisão (Idem, p.355).

De acordo com o arcabouço teórico utilizado nesta pesquisa, ao negro é destinada uma série de discursos que o condenam a ser pensado como alguém que normalmente não participa de relacionamentos estáveis, e sim efêmeros. Sobre isso, Laura Moutinho comenta: “O homem negro, excluído das telenovelas e do mundo dos afetos televisivos, aparece na reportagem com força no mundo dos prazeres, mas não da conjugalidade” (Idem, p. 355).

Entretanto, em um dos títulos selecionados para esta análise, surgem efeitos de sentido que revelam uma oposição ao comentário supracitado: “Esse é pra casar!”. Nesse contexto, o modelo apresentado na imagem, mesmo estando com o peito “sarado” à mostra, é evidenciado como alguém passível de um arranjo afetivo-conjugal. Muito embora, esse seja o único caso em nosso *corpus* onde o negro é assim encarado.

“Ele se garante!”. A partir dessa materialidade textual, apreendemos, mais uma vez, que os discursos em torno dos afro-descendentes veiculam significados que apenas justificam as idéias como próprio deles, produzindo certos estereótipos e estigmas. Complementa Pinho (2004):

Os estereótipos colocam um enfoque exagerado sobre algumas poucas características de um determinado grupo, ao mesmo tempo em que reduzem este grupo a estas características que, tendo sido superdimensionadas torna-se facilmente reconhecíveis e estáticas, como se incapazes de transformação (p. 145).

## FINALIZANDO A DISCUSSÃO

Percebemos que os discursos conduzidos pela mídia reforçam valores simbólicos atribuídos aos negros e, além disso, circulam em práticas discursivas que constituem identidades em que, por um lado, as diferenças parecem ser amainadas ou, por outro, ressaltadas e tornadas mais claras (BAUMAN, 2005).

Ao mesmo tempo em que se apresenta de forma preliminar, esta análise nos instiga a continuar estudando e desenvolvendo pesquisas que afetam fortemente os sujeitos na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- GIROUX, Henry A. **Cruzando as fronteiras do discurso educacional**. Novas políticas em educação. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- MOUTINHO, Laura. **Razão, “cor” e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul**. São Paulo: Unesp, 2004.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 2 ed. rev. aum. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- PÊCHEUX, Michel. **Discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.
- PINHO, Patrícia de Santana. **Reinvenções da África na Bahia**. São Paulo: Annablume, 2004.
- REVISTA RAÇA BRASIL**. São Paulo: Editora Escala. ISSN 1413-8085 (nº 114, nº 117, nº 119).
- SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.